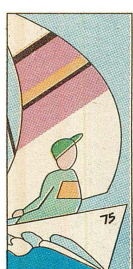


O veleiro navegava em regata. A mensagem foi ouvida na rádio. E a surpresa foi geral. Estava um caiaque no meio do Atlântico. Um jovem vinha a remos dos Estados Unidos...

► ANTÓNIO SOUSA BRANCO



Duas da manhã. O *Creoula* acaba de virar de bordo. Na manobra de velas participou toda a tripulação, empenhada em aproveitar o pouco vento que há. O *Creoula*, a meio da tabela, disputa com os outros grandes veleiros, mais de meia centena, a Regata Cutty Sark.

Esta deve ser a última noite da 2ª parte da regata, iniciada há mais de uma semana na cidade do Porto e prestes a terminar em águas de Saint-Malo. A costa francesa encontra-se a cerca de 30 milhas.

Acabada a cansativa viragem de bordo, o *Creoula* embala no seu novo rumo e a guarnição prepara-se para regressar ao descanso,



quando, via rádio, é recebida em inglês a mensagem... «atenção, atenção, estão muito próximos de mim, uma pequena embarcação à vossa proa...» O comandante Sá Leal e todos os que estavam no

convés, tentavam identificar alguma luz ou silhueta de barco, mas nada, apesar dessa noite de Agosto estar amena e com boa visibilidade. A angustiada mensagem repete-se e, mesmo sem ver nada, o comandante manda desfazer a manobra e voltar ao rumo inicial. Apesar dos 40 homens que compõem a guarnição do *Creoula*, a manobra não é fácil e demora largos minutos. Finalmente, uma luz muito tênue é avistada... «eu sou um caiaque que vem dos Estados Unidos com destino a França...» Apanhados desprevenidos, a bordo do *Creoula* não há reacção e o comandante pergunta se está tudo bem e deseja-lhe boa viagem. Mas, passados alguns instantes... «um caiaque, vindo dos Estados Unidos?...» interroga-se o comandante Sá Leal. Restabelecido o contacto via rádio, o comandante do *Creoula* insiste... «não precisa de água, comida, ou da posição?...» O diálogo passa a ser feito em francês e o remador solitário pergunta qual a previsão meteorológica. O vento de nordeste que se prevê para os próximos dois dias, é francamente desfavorável à evolução do caiaque, que ainda por cima nevega em águas permanentemente cruzadas por grandes navios...» Não aguento mais,



O CAIAQUE foi rebocado pelo veleiro português



DOIS MESES E MEIO SEM VER NINGUÉM

«soltaram a língua» a Mathieu Morverand, que apesar de exausto contou a aventura, de fio a pavio, ao comandante Sá Leal. Refeito do susto, o remador voltou ao mar, no dia seguinte, para completar a travessia do Atlântico

Encontros no Atlântico

O CREOULA ficou com mais uma estória para a sua história



FOTO DE ANTONIO MANUEL GONÇALVES

vou pedir reboque...» respondeu Mathieu Morverand, o remador francês que, havia 79 dias tinha iniciado a travessia do Atlântico, num pequeno barco a remos de nove metros, especialmente concebido para estas andanças oceânicas. Feita a manobra de aproximação, Morverand sobe a bordo do *Creoula* e ao *Capitaine Cook* é passado um reboque. Como o remador francês se queixava de problemas renais, outra das razões para o seu abandono, foi examinado pelo médico de bordo. Depois de bem alimentado, Morverand, que há mais de dois meses e meio não via ninguém, embalou na conversa e nunca mais se calou. E nem mesmo o conforto do camarote que lhe foi oferecido, para quem há tanto tempo não dormia numa cama decente, conseguiu calar o jovem aventureiro. Ele só queria falar e falar e foi praticamente só isto que fez, durante as horas que esteve no *Creoula*. Falou para terra, de forma a tranquilizar os seus familiares, pois há uns dias que estava dado como desaparecido. Pouco antes de ter sido recolhido pelo veleiro português, um cargueiro que não o viu quase lhe passou por cima. Mathieu Morverand é um jovem aventureiro de 22 anos, mas como diz o comandante Sá Leal tem os pés no chão e

joga com a máxima segurança, a segurança possível num desafio deste tipo. O barco é estanque à proa e à popa e, apesar de ter enfrentado várias tempestades, estava como novo. Quando vinha o mau tempo, Morverand fechava-se num dos compartimentos estanques, amarrava-se com cintos de segurança e rezava a Nossa Senhora de Lurdes para que o barco não se partisse. O *Capitaine Cook* virou-se 17 vezes, seis das quais quando o remador estava cá fora, o que, além da molha, lhe causou muitos calafrios. Este aventureiro partiu de Cap Code a 26 de Maio e tinha previsto chegar a Cherburgo. Mas não era o nome no *Guinness* que fazia correr (ou remar) Morverand, pois, como dizia, para se bater um recorde deste tipo é necessário fazer muitas concessões à segurança, o que não está de acordo com os seus princípios. Aventura sim, mas com toda a segurança possível, é o lema de Morverand, que também diz: «caiaque nunca mais, já tenho a minha dose...» No dia seguinte, e depois de «desatada a língua», Morverand foi deixado, a seu pedido, a cerca de duas milhas de Ouessant, onde era esperado pelo padre Jaouen no *Rara-Avis*, o barco com o qual leva a cabo o seu programa de recuperação de drogados. ◀